

## A convivência e seus limites

Julián Marías<sup>1</sup>  
(trad. de Jean Lauand)

**Resumo:** Atualíssimo artigo do renomado filósofo espanhol sobre a convivência.

**Palavras-Chave:** Convivência. Educação. Política.

**Abstract:** The outstanding Spanish thinker discusses the most up-to-date topic of convivence.

**Key-words:** convivence. education. politics.

Uma das condições essenciais, talvez a principal, para que haja convivência é a liberdade: é necessário aceitar a variedade de atitudes, teses e propósitos e sua expressão. Mas nada é mais perigoso do que confundir a concórdia com o acordo. Não é necessário estar de acordo: pode-se discrepar energicamente, inclusive em assuntos graves. Desde que não se rompa a concórdia, a decisão de viver juntos.

Mais do que a decisão, eu diria a *instalação* na convivência; a decisão deve envolver sua defesa contra quem pretenda quebrá-la. Este deve ser tratado como “inimigo”; os outros não passam de “adversários”, com os quais se convive e se pode discutir ilimitadamente, tanto em nível de palavras como no dos votos, quando há eleições.

Enquanto há concórdia e convivência, tudo pode andar bem; pode-se cometer erros, mas há remédio; podem ser corrigidos, ou pelo menos compensados, talvez com erros em sentido diferente. O mal é quando os erros são cometidos sempre na mesma direção, que é o que ocorre nas tiranias e nos totalitarismos, que às vezes se disfarçam com roupagem democrática.

A exigência primária da concórdia é a veracidade. Acabo de dizer que as opiniões são múltiplas e podem ser errôneas; se são simples erros – visões desacertadas, omissões de algo que se deixa de lado, exageros de algo verdadeiro –, a veracidade não é gravemente atingida e há remédio: pode-se mostrar o erro e fazer com que seja corrigido e retificado. Agora, outra coisa é a mentira, a desfiguração deliberada e consciente da verdade, a perversão da palavra. Aí produz-se um dano irreparável, uma violação dos direitos da realidade, feridas incuráveis para a convivência. Se se examinassem cuidadosamente os grandes males que têm afligido a humanidade, ver-se-ia como em sua origem encontra-se quase sempre a mentira.

---

<sup>1</sup>. Renomado filósofo espanhol, falecido em 15-12-05. A publicação deste artigo é uma homenagem a este grande pensador, que tanto colaborou com nossa editora. Originalmente publicado no *ABC* de Madri em 29-10-98.

Outra condição imperativa da convivência é a vontade de não causar mal aos demais. Pode-se defender os próprios interesses, procurar que as coisas se orientem de modo favorável para si, alcançar poder e influência, priorizar os próprios interesses em detrimento do dos outros. A imperfeição humana torna ilusório esperar que não seja assim. Mas o que é inaceitável é causar dano aos outros, procurar seu mal; não só impedir seu triunfo, mas feri-los e piorar sua situação.



JL, no apartamento de Julián Marías em Madri (1997), recebe para a Editora Cemoroc preciosos textos exclusivos do filósofo.

É raro que se tenha em conta isto; por exemplo, levam-se a cabo ações que desencadeiam graves males, até de consequências imprevisíveis, e havia a obrigação de tê-los previsto. São imprevisíveis a partir da má fé, da vontade de não as ver, de garantir o próprio interesse, a qualquer custo.

Outra condição para que haja concórdia e convivência é a redução da agressividade a um mínimo. Há pessoas que não podem falar sem agredir, insultar, caluniar. Causam profundas feridas pessoais, que costumam inflamar e dificultar a convivência. A essas palavras costuma-se responder com outras igualmente exasperadas e agressivas, e esse é precisamente o princípio da discórdia.

Sinto enorme estima e admiração pelas pessoas que unem a inteireza à serenidade, à cortesia; e que não entram no jogo, quando é jogo sujo. O “armar barraco”, a vontade de humilhar e ofender é indício inequívoco de não se ter razão (e de se estar ciente disso...).

O que se pode fazer? Acima de tudo, respeitar escrupulosamente as exigências da convivência, não deixar de cumpri-las sob nenhum pretexto, medir as responsabilidades que isso traz consigo. Se as pessoas comessem por respeitar-se a si mesmas, ser-lhes-ia mais fácil respeitar aos demais. É evidente que aqueles que não o fazem, mostram um profundo desprezo por si mesmos, que vai fermentando em seu interior e segregando a agressividade externa, expressão manifesta de seu descontentamento consigo mesmos.

Mas é notório que existem e se cometem frequentes violações da veracidade, do evitar o mal direto - diríamos desnecessário -, do respeito. É necessário corresponder a isso com a mesma atitude? Se se o faz, embarca-se em uma espiral sem

volta. Deve-se então partir para a resignação e a aceitação? Isso não me parece inevitável.



<http://www.mtnoticias.net/video-deputados-saem-no-tapa-hoje09-em-brasilia/>

O remédio poderia consistir em evitar o primarismo mental. É preciso distinguir. Essas condutas indesejáveis, extremamente perigosas, costumam se concentrar em pequenos núcleos ou em pessoas individuais. Pode haver, por exemplo, um partido que sustente posições acertadas ou errôneas (mas dentro de seu direito e licitamente as defende), mas talvez uma fração dele, ou algum membro individual, se comporta de maneira inadmissível: mente, calúnia, insulta, desvaria. Com ele não se pode tratar, porque não se comporta como uma pessoa civilizada, e isso não lhe é exigido. Mas se se fizesse essa exigência, com aprimorada educação e de modo enérgico, seria muitíssimo eficaz. Pois colocaria um problema para o grupo ou, se for o caso, para o partido, que sofreria as consequências dessa repulsa. E começaria a avaliar, a se perguntar se é representado (ou antes traído...) por esses comportamentos. É possível que assim começasse uma correção que seria benéfica para todos.



<https://peru.com/futbol/local/barras-bravas-universitario-y-alianza-lima-se-agarran-balazos-ate-noticia-147034>

Dei o exemplo da política porque é o mais visível e porque acabamos de sair de um período eleitoral; mas pode-se muito bem generalizar para a arte, para o esporte, para todas as formas da convivência.

Recebido para publicação em 06-06-18; aceito em 11-07-18